

Para Tito, calote é absurdo

O líder do PMDB no Senado, senador Ronan Tito, considerou ontem um "absurdo" a notícia sobre um calote na dívida interna atribuída à equipe econômica do presidente eleito, Fernando Collor de Mello. Segundo ele, "até como brincadeira é de mau gosto". Ele observou que é preciso verificar a diferença que há entre as economias da Argentina e do Brasil.

Para o líder peemedebista, a economia argentina não tem nada a ver com a brasileira, que é sólida, e onde o meio empresarial está bastante capitalizado. O que vai mal — observou — é o Estado, que está com déficit público grande, fomentando uma inflação que depois se realimenta psicologicamente. Ele advertiu que "se cairmos na besteiра de fazer qualquer coisa com a dívida interna, que não seja um reescalonamento, e fizermos algo parecido com calote, vamos levar 30 ou 40 anos, para voltar a ter a credibilidade do povo e gerar uma massa de poupança".

O Congresso Nacional, de acor-

do com Ronan Tito, irá atuar na defesa da sociedade, não permitindo que sejam adotadas quaisquer medidas abusivas que prejudiquem o povo e a economia do País.

Ele considerou que está sendo feito "um terrorismo muito grande antes da posse do presidente eleito", embora não acredite que essas coisas que estão sendo pregadas sejam propostas, de fato, após a posse. Tito admite que, com a posse, haverá uma desaquecimento da economia, mas alerta que é preciso distinguir quem irá pagar o jogo. "O Congresso — disse — não permitirá o arrocho salarial".

□ O governador paulista, Orestes Quérzia, afirmou ontem que acha muito difícil o presidente eleito, Fernando Collor de Mello, reduzir as taxas de inflação nos primeiros meses de governo. Ele demonstrou preocupação com as medidas econômicas em estudos pela futura equipe econômica do próximo governo, mas afirmou que deseja que Collor acerte porque o País vive um momento de inquietação.